

Medicina Veterinária

Traumatismo cranioencefálico em furão (*Galictis cuja*)

Larissa Calais Paiva - 10o módulo de Medicina Veterinária na Universidade Federal de Lavras, iniciação científica voluntária

Alda Esteves Junqueira Bernardes - 9o módulo de Medicina Veterinária na Universidade Federal de Lavras, bolsista PET

Laura Castro Silva - 10o módulo de Medicina Veterinária na Universidade Federal de Lavras, iniciação científica voluntária

Isabella Guimarães Gonçalves - 5o módulo de Medicina Veterinária na Universidade Federal de Lavras, iniciação científica voluntária

Samantha Mesquita Favoretto - Medica Veterinária do Hospital Veterinário da Universidade Federal de Lavras - Orientador(a)

Antônio Carlos Cunha Lacrete - Docente do Departamento de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Lavras

Resumo

O furão (*Galictis cuja*) é um mamífero de pequeno porte, com distribuição ampla na região Neotropical. As principais ameaças à espécie são a caça, ataques por animais domésticos, desmatamento e atropelamentos que podem levar à uma série de traumas, entre eles o traumatismo cranioencefálico (TCE) que desencadeia um processo fisiopatológico causando alterações na hemodinâmica cerebral. No momento do acidente ocorre uma lesão cerebral primária, mas as maiores consequências advêm da lesão secundária, mais tardia. Essa lesão surgirá decorrente de diversas mudanças fisiológicas que irão desencadear complicadores, podendo ocorrer em até 72 horas após o trauma inicial. O Ambulatório de Animais Selvagens da UFLA recebeu um indivíduo de furão resgatado pelo corpo de bombeiros após ter sido atropelado. O animal apresentava disritmia cardíaca, estava apático, sem resposta a estímulos externos, em nível de consciência de estupor. Ao exame físico foi observado sangue em cavidade oral, olhos edemaciados e fratura em sínfise mandibular. Considerando os sinais clínicos e histórico, suspeitou-se de TCE, o animal foi avaliado pela Escala de Coma de Glasgow (ECG) para cães e classificado com TCE leve. No primeiro atendimento foi administrado por via intravenosa Manitol e fluidoterapia com cloreto de sódio 0,9%, nas doses de 500 mg/kg e 50 ml/kg respectivamente, além de metadona na dose de 0,1 mg/kg. Como tratamento complementar ao TCE, nos três dias seguintes o animal recebeu ondansetrona (dose 0,5 mg/kg), vitamina C (dose 125 mg/kg), meloxicam (dose 0,2 mg/kg), tramadol (dose 5 mg/kg) e enrofloxacino (dose 5 mg/kg). Nas primeiras 48 horas seguintes, houve pouca melhora pela avaliação da ECG. Entretanto, no terceiro dia, houve melhor avaliação pela escala, o animal passou a se mostrar ativo, deixando de apresentar alterações comportamentais e neurológicas. Pacientes que apresentam sinais neurológicos graves podem apresentar melhora drástica nas primeiras 24 a 48 horas após o início do tratamento, desde que este seja eficiente para prevenir o surgimento de lesões secundárias. Estudos realizados em humanos e cães demonstraram que a recuperação de vítimas de TCE depende da gravidade das lesões, da rapidez no atendimento e dos protocolos terapêuticos adotados. O furão continuou sendo monitorado por 30 dias, nenhuma alteração foi identificada. De forma que, o tratamento realizado para o trauma obteve resultados positivos no período de 72 horas.

Palavras-Chave: *Galictis cuja*, Animais Silvestres, Atropelamento.

Link do pitch: <https://youtu.be/x-aTaE7wU-U>